

Cicatrizes do Corpo e da Alma: analisando a trajetória da catarinense Derlei Catarina de Luca

Scars of Body and Soul: analyzing the trajectory of Santa Catarina Derlei Catarina de Luca

Bruna Busnello¹

Resumo: Este artigo pretende analisar o papel político cultural das emoções segundo a trajetória da catarinense Derlei Catarina de Luca durante o período em que o Brasil ficou sob vigência de um governo militar. Dessa maneira, a importância da memória e de seus relatos como fontes fundamentais para análise histórica, bem como a maneira como as relações de gênero, fizeram parte desse contexto social. Além disso, reflete sobre o “giro emocional” e como emoções como o medo, a dor e o amor podem influenciar na liberdade e na movimentação dos corpos. Como fonte documental, utiliza-se o livro escrito por Derlei Catarina de Luca que descreve sua trajetória quanto militante durante o período da ditadura civil-militar.

Palavras-chave: Ditadura civil-militar; Santa Catarina; Emoções; Memória.

Abstract: This article intends to analyze the cultural and political role of emotions according to the trajectory of Santa Catarina Derlei Catarina de Luca during the period when Brazil came under military rule. In this way, the importance of memory and its reports as fundamental sources for historical analysis, as well as, the way in which gender relations were part of this social context. In addition, it reflects on the "emotional turn" and how emotions such as fear, pain and love can influence the freedom and movement of bodies. As a documentary source, the book written by Derlei Catarina de Luca is used, which describes his trajectory as a militant during the period of the civil-military dictatorship.

Key-words: Civil-military dictatorship; Santa Catarina; Emotions; Memory.

Introdução

No ano de 1964 o Brasil passou por um golpe civil-militar que retirou do poder o então presidente João Goulart constitucionalmente eleito, para assumir em seu lugar o militar Humberto Castello Branco, dando início aos 21 anos de ditadura civil-militar. Esse período ficou marcado por uma intensa presença de repressão, principalmente contra grupos considerados da esquerda. Segundo Rodrigo Motta, “no caso do Brasil, havia uma forte tradição anticomunista desde os anos 1930 (...). Os adversários locais do comunismo ficaram alarmados

¹ Graduanda em História – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: bruna.busnello16@gmail.com

Cicatrizes do Corpo e da Alma: analisando a trajetória da catarinense Derlei Catarina de Luca – Bruna Busnello com os acontecimentos de Cuba e trataram de cerrar fileiras. (...) a influência norte-americana convergiu e se combinou com uma tradição anticomunista enraizada no Brasil”.²

O medo dos golpistas era de que pudesse acontecer no país uma Revolução como em Cuba e de fato, na década de 60 os movimentos sociais de cunho comunista vinham ganhando força e visibilidade. Dentro desse contexto, o movimento estudantil era um dos grupos vistos como subversivos para o governo. Para Motta:

Apontou-se a presença comunista em diversos setores da vida nacional, nas organizações sociais e principalmente no aparato estatal. Os “vermelhos” estariam escantelados nas entidades estudantis, de onde comandavam a participação juvenil nas agitações políticas. A União Nacional dos Estudantes (UNE) seria o foco maior da atuação dos inimigos e por esta razão mereceu atenção especial da reação anticomunistas.³

Perseguição política, retirada dos direitos civis dos brasileiros, censura, tortura e exílio foram alguns dos fatores que marcaram esse período do país. Em Santa Catarina, o governador Celso Ramos, em apoio com as Forças Armadas, procurou garantir o controle da situação e acalmar a população, como relata Reinaldo Lohn:

“Nas primeiras horas do movimento golpista, o governador Celso Ramos (PSD) emitiu uma nota na qual afirmou sua “repulsa intransigente e formal” ao comunismo e sua solidariedade, “sem reticências no coração com as gloriosas forças militares” que defendiam a “verdade democrática”. Na capital, a imprensa esforçou-se para apresentar uma cidade em que tudo corria “em perfeita paz” (...).”⁴

É importante salientar que as relações de gênero mediaram a maneira como homens e mulheres viveram a ditadura, “com o pressuposto de que gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder e um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos”⁵. Durante o período da ditadura civil-militar no Brasil, as agressões impostas pelo regime em sua totalidade atingiram não apenas o setor público mas também as esferas privadas e suas relações. Os lares sentiram-se ameaçados pela separação de famílias, com os desaparecimentos e assassinatos de pessoas que eram filhos e filhas, mães e pais.

Nesse sentido, as mulheres que ainda não eram muito visíveis no espaço político, saíram do espaço único do lar para entrar em contato direto com a luta contra o autoritarismo civil-militar. Dessa maneira, “a repressão sobre as mulheres foi sentida de forma direta e indireta. As

² MOTTA, Rodrigo Patto Sá, 2002. p. 232.

³ IDEM. p. 233.

⁴ BRANCHER, A. LOHN, R., 2014. p. 37

⁵ PEDRO, J. M.; VEIGA, A. M.; WOLFF, C. S., 2009. p. 22.

Cicatrizes do Corpo e da Alma: analisando a trajetória da catarinense Derlei Catarina de Luca – Bruna Busnello

militantes de esquerda, assim como seus companheiros, foram presas, torturadas, tiveram filhos sequestrados, foram mortas e também foram os alvos preferenciais da violência sexual praticada pelos militares.”⁶

Analisando a trajetória de Derlei Catarina de Luca e suas contribuições para História

Nesse contexto, encontra-se a história da catarinense Derlei Catarina de Luca, que participou ativamente do movimento estudantil e da luta contra a repressão do regime militar. Em sua autobiografia, Derlei nos deixa diversos fragmentos das memórias que possui, relatando a história como estudante e militante de esquerda, abordando a perseguição que sofreu, o tempo que passou em clandestinidade, o período que esteve presa, sendo torturada e mandada para o exílio, bem como as dificuldades que encontrou por ser mulher e mãe.

Esses fragmentos da memória de Derlei são documentos fundamentais para compreender melhor como a repressão atingiu de fato a população e, nesse caso, com ênfase nas experiências de mulheres e no corpo feminino. Porém, tais relatos apontam situações que marcaram não apenas seu corpo físico, mas também seu psicológico e emoções. São, dessa maneira, fontes de análise sobre como a ditadura agiu delineando seu emocional a ponto de deixar vestígios ao longo da vida. São escritas que emocionam a quem lê, que nos fazem sentir junto com Derlei: amor, raiva, dor, medo, felicidade.

Percebendo a autobiografia de Derlei Catarina de Luca como fonte histórica, pode-se afirmar que a mesma nos transmite testemunhos escrevendo sobre si. Os depoimentos escritos por ela, possuem a capacidade de demonstrar a maneira como a História moldou sua(s) história(s) pessoal. Dessa forma, é importante sublinhar também que, como relata Carolina Scarpelli escrevendo sobre a importância da memória: “escolher o que lembrar e o que esquecer é antes de tudo uma ação política. (...) a memória deve ser entendida também, ou, sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes.”⁷. Assim que, logo na introdução do seu livro, Derlei afirma:

“Este livro foi uma catarse. Também foi uma necessidade. Cada pessoa que me conhece pergunta como foi a clandestinidade, quer saber da prisão e da experiência da nossa luta. Uns questionam se valeu a pena... Se não foi em vão, tantos mortos e desaparecidos. Mas os heróis da Pátria não morrem.

⁶ DUARTE, Ana Rita Fonteles. 2014. p. 235.

⁷ SCARPELLI, Carolina Dellamore Batista. 2009. p. 42.

Desaparecem fisicamente, vivem, no entanto, na lembrança. Só morrem se nós permitirmos que a memória nacional não se crie ou se perca.”⁸

Torna-se essencial abordar a dimensão da memória na construção do processo histórico. Considerando que a memória coletiva é um terreno de lutas sociais, políticas e de dominações do poder, assim, “os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva.”⁹ Quando se trata de falar sobre grandes catástrofes sociais, períodos de repressão e traumas coletivos, a memória e os esquecimentos admitem papel social que partem do individual para pertencer a uma identidade coletiva, segundo Elizabeth Jelin: “Cuando se plantea de manera colectiva, como memória histórica o como tradición, como processo de conformación de la cultura y de búsqueda de las raíces de la identidad, el espacio de la memoria se convierte en un espacio de lucha política.”¹⁰

No caso dos testemunhos escritos por Derlei Catarina de Luca seus fragmentos de memória demonstram como a repressão agiu no período do governo militar, fazendo com que suas memórias sejam partes fundamentais da construção da historiografia da época. Testemunhos como esses, afirmam a necessidade de evidenciar – ao contrário do que muitos grupos pregam – de que houve sim violência militar, perseguição política, tortura psicológica e física, e que esses fatos fazem parte da História do Brasil. Nesse sentido, demonstram também o dever de, enquanto historiadores, registrarmos essas memórias para evitar que períodos como esse se repitam e, dessa maneira, afirmar que os direitos civis e constitucionais devem ser garantidos para toda a população.

Por certo que fragmentos da memória vêm carregados de esquecimentos, silenciamentos, comemorações e inclusive de emoções. A última que assume importante papel político e, assim, torna-se “fuente de energia para la reflexión analítica sobre la significación de la memoria, el silencio y el olvido, y para la emergencia de nuevas maneras de incorporar el pasado.”¹¹

A política cultural das emoções

Segundo Cristina Wolff, a influência cultural, política e social das emoções constitui um “novo campo, que para alguns constitui um giro afetivo ou giro emocional (...) semelhante

⁸ DE LUCA, Derlei Catarina. 2002. p. 21

⁹ IDEM.

¹⁰ JELIN, Elizabeth. 2005. p. 99

¹¹ IDEM.

ao giro linguístico ocorrido anteriormente.”¹² É importante salientar que o “afeto” é o que permite a movimentação das emoções, aquilo que se prepara para partir de um sujeito para outro. Dessa maneira, as emoções ocupam-se da forma de como os processos físicos agem afetando os corpos dos sujeitos, ou seja, de como o afeto permite que as emoções entrem em atrito com determinados objetos, signos e com outras pessoas. O dicionário Michaelis, define “emoção” como:

Fr émotion. **1** ação de sensibilizar(-se). **2** perturbação dos sentimentos; turbação. **3** psicol. Reação afetiva de grande intensidade que envolve modificação da respiração, circulação e secreções, bem como repercussões mentais de excitação ou depressão.¹³

A autora Sara Ahmed¹⁴ nos lembra que a palavra emoção vem do latim, fazendo referência a “mover-se” e que as emoções não se tratam apenas do movimento, mas falam, também, sobre os vínculos que nos conectam. Dessa maneira, o vínculo acontece com o movimento e a aproximação de corpos com outros corpos. Nesse sentido, “las emociones no deberían considerarse estados psicológicos, sino prácticas culturales y sociales.”¹⁵ A autora defende que as emoções importam para a política, de maneira que é possível perceber como tais são capazes de moldar os corpos e os mundos. Ao mesmo tempo, critica a privatização das emoções, argumentando que as mesmas se movem e se moldam no ponto em que entram em contato com outros objetos, signos e influências.

Ahmed também pontua sobre a importância de nomear as emoções, propondo o modelo “de adentro hacia afuera/de afuera hacia adentro”. O fato de nomearmos uma emoção implica em falar sobre algo que existe não apenas dentro de nós, mas que toma forma, circula, gera efeito e, dessa maneira, nós fazemos circular sentindo seus efeitos. Seria uma espécie de contágio social: quando nos deparamos com uma determinada pessoa triste, podemos ficar tristes também; quando lemos uma mensagem prazerosa, isso nos gera um efeito de felicidade. Nesse sentido, a nomeação das emoções produzem um caráter público, gerando repercussão de sujeitos em outros sujeitos. Para Ahmed, “las emociones no hacen girar al mundo. Aunque en cierto sentido sí giran. Tal vez, a diferencia de lo que dice el dicho, no todo lo que va, vuelve siempre. Centrarme en las emociones es lo que me permitirá rastrear los efectos desiguales de esta dificultad para retornar.”¹⁶

¹² WOLFF, Cristina Scheibe. 2007. p. 977.

¹³ IN: MICHAELIS: moderno dicionário da língua portuguesa.

¹⁴ AHMED, Sara, 2015.

¹⁵ IDEM p. 32.

¹⁶ IDEM. p. 45

Sara Ahmed descreve a dor como “una sensación o sentimiento. Pero, por supuesto, es un tipo particular de sensación.”¹⁷ e considera, ainda, que a quantidade de dor que sentimos não determina-se apenas pela lesão corporal, pois é importante considerar outros fatores que influenciam nisso, como as experiências de dores vividas anteriormente, além da nossa capacidade de entender as consequências que aquela lesão pode nos causar. Para autora, a sensação da dor faz uma espécie de mediação corporal entre o externo e interno, assim, de certa maneira: “los cuerpos y los mundos se materializan y toman forma, o se produce el efecto de frontera, superficie y permanência, a través de la intensificación de las sensaciones de dolor. (...) En otras palabras, lo que nos separa de otros también nos conecta con otros.”¹⁸

Dessa forma, não podemos compreender a dor como algo apenas particular. Lendo os testemunhos de Derlei, sobre o período em que foi presa e torturada pela Operação Bandeirante (OBAN), é possível sentir a dor junto com ela, mesmo que isso seja considerado impossível. Já que cada sujeito sente a dor de uma determinada maneira, a empatia que temos pela dor do outro faz com que seus depoimentos nos causem no mínimo tristeza. Em seu relato, consta:

A primeira noite é indescritível. Arrancaram minhas roupas. Sou pendurada no pau de arara, recebo choques elétricos nos dedos, vagina, ouvido, quebram meus dentes. A dor é lancinante. Tão intensa que nem dá para gritar. O sangue escorre pela cabeça, melando os cabelos e pescoço. Os braços, seios e maxilar recebem pancadas e coronhadas de revólver. São vários homens gritando. Ninguém pergunta objetivamente nada. Eles berram.

Amarram os meus pulsos nos braços da cadeira com tiras de couro. Travam as pernas com um sarrafo nos pés. Vão dando choques elétricos. A cada girada da maquininha o corpo estremece e salta. A cada salto a perna roça na quina da madeira. Rasga a pele. O sangue escorre pela perna, o osso se esfacela. A dor é intensa. São horas e horas de tortura. Levam-me carregada para a cela. Depois de uma sessão de choque, o corpo fica entregue, sem força. A corrente elétrica atinge todo o corpo. A língua, cortada pelos dentes quebrados, arde. Os cortes na cabeça doem. Tudo escurece.¹⁹

Nesse sentido, a fronteira que limita os corpos dos sujeitos se modifica, quase desaparece: sua dor se transforma na dor de quem lê. É dessa maneira que a dor é, também, política. A OBAN²⁰ era um centro de investigações que prendia e torturava pessoas presumidas como subversivas para o governo, nesse sentido, utilizavam da dor dos sujeitos para arrancar-

¹⁷ IDEM; p. 54.

¹⁸ AHMED, Sara. 2015. p. 54.

¹⁹ IDEM. p. 86.

²⁰ Operação Bandeirante, foi um centro de investigações e informações criado em 1969 durante o período da ditadura civil-militar, criado com o intuito de identificar e capturar elementos de grupos subversivos. Localizada em São Paulo, se converteu em um centro de tortura e morte durante aquele período. Mais informações: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Opera%C3%A7%C3%A3o_Bandeirante>.

lhes informações sobre as organizações consideradas ilegais. Para Ahmed, o uso político da dor, se define no sentido de que a dor do outro se transforma em uma dor da nação, de maneira que, Derlei foi torturada por um grupo de pessoas, mas essa tortura partiu da repressão do Estado, ou seja, sua dor seria uma dor nacional. De maneira que, “el reconocimiento de su dolor se desliza así sin problemas hacia la reivindicación del dolor nacional. De este modo, la sanación de las heridas se representa como la sanación de la nación.”²¹

Em mais uma parte do livro, Derlei relata outra cena, de quando foi levada para o interrogatório e torturada. Neste momento, é possível perceber, mais uma vez, o uso político da dor: “Ainda tenho marcas da Operação Bandeirante. No corpo e na alma. Minhas pernas trazem a recordação do horror nas suas cicatrizes. A alma, o espanto por ter sobrevivido.”²²

Torna-se notável como as emoções agem delineando os sujeitos. Para Derlei, o período em que ficou presa na OBAN deixou cicatrizes físicas e emocionais para o resto da vida. Em seu livro, ela relata que anos mais tarde encontrou um militar que esteve presente durante algumas das sessões de tortura que ela vivenciou na OBAN, e que, em conversa, ele dizia que não precisava pedir perdão para ela, já que era apenas um sentinela na época: “Comecei a tremer e saí correndo (...). O medo todo voltou. (...) Comecei a sentir terror de andar na rua. (...) Eu chorava de maneira compulsiva. O medo explodiu e passei a ter a doença do pânico.”²³

O medo é outra emoção visível nos escritos de Derlei. A maneira como o medo é sentido é parecido com a dor, já que ambos são intensos e permeiam os corpos dos sujeitos. Porém, mesmo sendo o medo um sentimento do presente, ele também se relaciona com o futuro. É uma projeção do que pode vir acontecer, baseado em eventos anteriores. Quando se sente medo, no presente, aparecem também manifestações corporais: suor, coração acelerado, tremores. Todos esses sintomas podem ser considerados mecanismos de defesa do nosso corpo, quando se percebe diante do perigo. Derlei passou por muita violência durante o tempo que esteve presa na OBAN. Esse sentimento de medo de voltar a viver o sofrimento aparece diversas vezes em sua fala:

A noite me colocam numa solitária, onde fico incomunicável por uns 10 dias. É um quarto pequeno com um colchão no chão. No alto tem uma janelinha por onde entra claridade. A porta só é aberta duas vezes ao dia. Para entregar o prato de comida e para ir ao banheiro. Dormir é impossível, o sono não vem. Só tenho sono depois dos choques elétricos. Não tinha com quem conversar. Se a porta abrisse, podia ser tortura. Eu espero que ela se abra, com ansiedade e medo.

²¹ AHMED, Sara. 2015. p. 71

²² DE LUCA, Derlei Catarina. 2002. p. 113

²³ IDEM. p. 98

Para tais companheiros sou a imagem viva – como dizem – de que é possível vencer a tortura. O medo é um sentimento normal. O medo é real e concreto. Mas é possível vencê-lo. Na prisão, a gente não se pode deixar esmagar por ele.²⁴

Ahmed afirma que “el miedo funciona para asegurar la relación entre esos cuerpos; los reúne y los separa mediante los estremecimientos que se sienten en la piel, en la superficie que emerge a través de el encuentro.”²⁵ Dessa maneira, quando há medo, os corpos dos sujeitos encolhem-se na tentativa de evitar o objeto que causa medo. As emoções, assim, delineiam os corpos e nessa medida também o espaço social que eles ocupam. E era exatamente nesse sentido que os interrogatórios e as torturas agiam durante o regime militar: causavam dor e medo aos sujeitos presos, de maneira que, mesmo passando por tanta intensidade de emoções, Derlei não entregou nenhum de seus companheiros de luta da AP (Ação Popular) durante o período em que esteve na OBAN, talvez por medo de desarticular toda uma organização que lutava contra o sistema repressivo ou, talvez, por medo que seus companheiros vivessem as mesmas experiências que ela estava vivendo. Assim, é possível perceber que a política do medo funciona limitando determinados corpos, dando espaço e movimento a outros. No caso de Derlei, seu corpo representava não apenas um corpo, mas toda uma movimentação política/social de luta contra o sistema autoritário.

Pensando pela perspectiva feminista, o medo apresenta-se como um resultado à ameaça da violência que as mulheres maioritariamente passam ao adentrarem no espaço público. Dessa maneira, o medo age também limitando a circulação dos corpos, enclausurando o corpo feminino na esfera privada, pois essa estrutura sustenta a ideia de que “o lado de fora” é perigoso para as mulheres, enquanto que o lar é um espaço seguro. Nesse contexto, o sentimento de medo é social e político, e possui a capacidade de moldar a movimentação dos corpos das mulheres e a maneira como elas ocupam os espaços. Na mesma medida que limita o corpo feminino, concede mais liberdade e movimentação ao masculino, reiterando a ideia, mais uma vez, de que o espaço público e político não deveria dizer respeito às mulheres, mas apenas aos homens. É importante analisar como Derlei encarou sua trajetória dentro desse sistema patriarcal. Mulher, mãe e militante: os sentimentos de dor e medo cresceram muito mais depois que teve seu primeiro filho.

²⁴ IDEM. p. 165.

²⁵ AHMED, Sara. 2015. p. 107

Depois de sair da OBAN, Derlei passou um tempo presa no DOPS²⁶ em São Paulo, mas logo foi solta e enviada de volta para Santa Catarina. Iniciou tratamentos médicos e ficou sob cuidado de padres companheiros seus, na cidade de Antônio Carlos. Tentando se recompor, voltou para clandestinidade, dessa vez enviada para Bahia, lugar onde conhece seu futuro marido César e logo após engravida. Para ela:

A gravidez é um problema e uma esperança. É lindo saber que vou ter um filho. Companheiros e amigos sugerem o aborto. Recuso. Pela primeira vez recuso aceitar que a direção decida questões pessoais minhas. Meu instinto de conservação fala mais alto. Quero ter o meu filho. Brigo com o pai da criança.²⁷

De acordo com o próprio relato, seus companheiros de luta não aceitavam que ela tivesse um filho dentro daquelas condições, e seu marido também não a apoiou. De fato, ter filhos inseridos naquela situação representava um grande risco, tanto para os pais como para a criança, considerando que muitas vezes a repressão tornava os filhos dos militantes alvos para obter informações dos pais que estavam presos. Considerando o contexto da própria organização que Derlei participava, esse fato também não foi apoiado. Segundo Carolina Scarpelli:

(...) as organizações exerciam forte controle sobre a vida do militante, até mesmo em relação a vida afetiva e à gravidez, geralmente repudiada pelos dirigentes por ser considerada um risco a mais para a organização. (...). Enfrentar uma gravidez impunha aos militantes vários riscos e colocava a sua segurança e da organização em jogo.²⁸

Derlei queria tê-lo, foi algo que lhe deu esperança. Devido a desarticulação interna da Ação Popular e a gravidez, o casal muda-se para Londrina no Paraná, onde o sonho de recomeçar a vida inicia novamente. É nesse período, também, que a repressão age sem dar espaço. No dia 11 de janeiro de 1972, nasce o filho de Derlei, Zé Paulo. E “no dia 03 de fevereiro o inspetor da Polícia Federal, Wener Sobral Arcoverde, entrega o relatório do Inquérito 12/71, em Curitiba e pede a prisão preventiva de 12 militantes da AP, inclusive a minha.”²⁹ No dia 18 de fevereiro, levam seu marido preso. Derlei entrega seu filho na rua para uma mulher que ela

²⁶ Departamento de Ordem Política e Social, criado em 1924 durante o Estado Novo e utilizado durante a ditadura civil-militar. DOPS eram as unidades de Polícia Política de cada estado, responsáveis pela repressão a comunistas, anarquistas, sindicatos e movimentos sociais. Para mais informações: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Departamento_de_Ordem_Pol%C3%ADtica_e_Social>.

²⁷ DE LUCA, Derlei Catarina. 2002. p. 197.

²⁸ SCARPELLI, Carolina Dellamore Batista. 2009. p. 179.

²⁹ IDEM. p. 225

não conhecia. A mesma era Joana D’Arc Bizzotto Lopez (posteriormente editora do Jornal BRASIL MULHER³⁰), Derlei então relata:

Saio dali sangrando, física e moralmente. Toda a angústia se converte em sangue. (...) Saio pela estrada sem a menor ideia de onde ir, sem rumo, sem documento, sem esperança. Não chorei. O coração estava paralisado. Caminho até tarde. (...) Por segurança não me atrevo a tomar ônibus. Estremeço só de pensar no meu filho, com três meses de idade, nas mãos de pessoas desconhecidas.³¹

Nesse relato sobre sua gravidez, sobre precisar deixar seu filho com uma pessoa estranha e sobre a dor que sentiu, é possível perceber que a política cultural das emoções está conectada à construção dos mundos, do imperialismo e do capitalismo e da maneira como a violência age nos corpos das mulheres – nesse caso, de uma mulher fragilizada pelo próprio sistema. Essas emoções são políticas e estão ligadas à relação que existe entre um sujeito e um coletivo, sobretudo durante a ditadura militar, pois, nesse caso, Derlei sofreu as imposições impostas pelo patriarcado: ousou ter um filho dentro de condições nas quais todos estavam contra, inclusive seu próprio marido. O fato de precisar deixar seu filho com outra pessoa e sair sem rumo demonstra sua coragem, porém é preciso não romantizar esse sentimento, já que não foi uma escolha, mas, sim, uma necessidade. Derlei volta a ver seu filho muito tempo depois, ainda em clandestinidade, mas, dessa vez, em Florianópolis:

Quando o menino chega nem acredito. Esperava um bebê de 3 meses e chega um menino caminhando, correndo, falando, nervoso, chamando pela vó. Não me conhece nem se emociona com essa mãe que não conhece nem nunca viu. Não quer ficar no meu colo. Só quando canto com ele nos braços fica quietinho (...).³²

Depois desse episódio, o nome de Derlei aparece na “lista dos mortos”, encorajada por Paulo Stuart Wright³³. A necessidade de sair do país à faz partir para o exílio em Santiago do Chile, ficando sem notícias do filho mais uma vez. De lá parte para o Panamá, onde fica exilada com outras pessoas que, por estarem vivendo ditaduras em seus próprios países, estão passando pela mesma situação. As emoções aparecem mais uma vez gritantes:

Não quero entregar-me à saudade. Não quero arrepender-me por ter saído do Brasil. Não havia alternativa possível. Estávamos na defensiva. Aqui é a esperança de sobreviver, curar as feridas, poder ainda fazer algo na terra. Antes era mais fácil enfrentar as situações difíceis. Tinha a organização, tinha

³⁰ Periódico criado em 1975, retratavam em seus artigos a luta pela liberdade democrática, anistia e temas como violência doméstica e direitos das mulheres.

³¹ DE LUCA, Derlei Catarina. 2002. p. 229

³² IDEM. p. 263.

³³ Político catarinense torturado e morto durante a ditadura militar brasileira.

os companheiros de tantos anos. Aqui não tem nada. Não tenho mais coragem.
³⁴

É visível mais uma vez como as emoções agem politicamente. Nesse contexto, a dor, o medo, o ódio e também o amor atravessavam a alma de Derlei e lhes desenhavam como humana. O amor e a esperança também são emoções políticas. Para Derlei, seja o amor pelo seu filho, seja o amor por si própria ou ainda o amor pela nação. Segundo Ahmed:

el amor puede ser especialmente crucial en caso de que la nación no sea capaz de cumplir con su promesa de una buena vida. (...) Amamos a la nación, entonces, a partir de la esperanza y con nostalgia por cómo podría haber sido. Seguimos amando en vez de reconocer que el amor que se ha dado no ha sido ni será devuelto. (AHMED, p. 199).³⁵

Ao lutar contra o autoritarismo e a repressão do governo civil-militar, Derlei estava a favor da nação, mas também a favor do amor. Acredita-se, então, que a violência causada nos corpos dos sujeitos pelos grupos que atuavam em consonância com a repressão, é um ato que demonstra a ausência do amor para com esses corpos, mas, convém lembrar que, esse mesmo grupo, alega um grande amor pela Pátria. O amor age, dessa forma, como outra emoção política.

Considerações finais

A partir dos expostos, é possível visualizar como as emoções agem de forma política e cultural na vida dos sujeitos. Analisando a fonte histórica que Derlei Catarina de Luca escreveu, torna-se fundamental refletir sobre a importância da Memória para a construção do processo histórico, em uma tentativa de resguardar o passado para compreender o presente e evitar que tais barbáries se repitam no futuro. Graças aos seus registros – e de tantas outras pessoas que escreveram sobre – é visível a maneira como a repressão militar agiu tanto nos corpos das pessoas, como nas almas.

Como o próprio título do seu livro sugere, “No corpo e na alma”, as violências, os abusos e as agressões impostas pela ditadura civil-militar deixaram cicatrizes que não se resumem as físicas, mas também emocionais. As torturas, portanto, não se limitam aos corpos, expandem-se para as emoções: registros de medo, de dor, de ódio e de amor, todos revelam, seguindo pela análise de Sara Ahmed, emoções políticas. A própria Derlei relata que precisou fazer tratamento

³⁴ IDEM. p. 299.

³⁵ AHMED, Sara. 2015. p. 204

Cicatrizes do Corpo e da Alma: analisando a trajetória da catarinense Derlei Catarina de Luca – Bruna Busnello

físico e psiquiátrico por anos, mesmo depois da anistia. Outro fato importante a salientar é sobre a maneira como o autoritarismo agiu perante os corpos das mulheres, sendo, de certa forma, diferente em relação aos homens. Com isso, podemos perceber como as relações de gênero definem, também, as relações sociais apresentadas no livro de Derlei.

É necessário salientar que mesmo para quem não presenciou o regime militar, esse período deixou cicatrizes na população como um todo. Os registros, as memórias e as emoções vividas durante essa fase obscura do Brasil ainda se fazem presente na sociedade brasileira. Torna-se fundamental, dessa maneira, lutar pelo espaço político da memória para que as mesmas não se percam em discursos de classes dominantes, e que assim, períodos como esse não voltem a se repetir.

Referências

AHMED, Sara. **La política cultural de las emociones**. Tradução de Cecília Olivares Mansuy. México, DF: Universidad Nacional Autónoma de México, 2015.

BRANCHER, A.; LOHN, R. L. **Histórias na ditadura: Santa Catarina (1964-1985)**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2014.

DE LUCA, Derlei C. **No corpo e na alma**. Criciúma: Ed. Do autor, 2002.

DEPARTAMENTO DE ORDEM POLÍTICA E SOCIAL. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2022. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Departamento_de_Ordem_Pol%C3%ADtica_e_Social&oldid=62729813>. Acesso em: 30 set. 2020.

JELIN, Elizabeth. **Exclusión, memorias y luchas políticas. Cultura y transformaciones sociales en tiempos de globalización**. 2005 Disponível em: <bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/mato/jelin.pdf >

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução de Bernardo Leitão. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

MICHAELIS moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Melhoramentos. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php>>. Acesso em: 30 set. 2020.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o “Perigo Vermelho”: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)**. São Paulo: Perspectiva FAPESP, 2002.

OPERAÇÃO BANDEIRANTE. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2021. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Opera%C3%A7%C3%A3o_Bandeirante&oldid=62478887>. Acesso em: 23 set. 2020.

Cicatrizes do Corpo e da Alma: analisando a trajetória da catarinense Derlei Catarina de Luca – Bruna Busnello

PEDRO, J. M.; WOLFF, C. S.; VEIGA, A. M. (orgs.). **Resistências, Gênero e Feminismos contra as ditaduras no Cone Sul**. Florianópolis: Mulheres, 2011.

SCARPELLI, Carolina D. B. **Marcas da Clandestinidade: Memórias na Ditadura Militar Brasileira**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2009.

WOLFF, Cristina Scheibe. **Pedaços de alma: emoções e gênero nos discursos da resistência**. Rev. Estud. Fem., Florianópolis, v. 23, n. 3, p. 975-989, dez. 2015. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104026X2015000300975&lng=pt&nrm=iso>.